

# A ORGANIZAÇÃO TEXTUAL DO HUMOR NO GÊNERO DISCURSIVO CHARGE JORNALÍSTICA

Rodrigo Leite da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa tem como escopo o estudo do humor na construção textual da charge jornalística, nesse sentido, tem-se por problematização identificar se a organização textual do humor presente neste gênero contribui para construir a opinião de seus leitores. Assim, os objetivos delimitam-se em: identificar as características que contribuem para a organização textual do gênero charge, no que se refere à presença do humor, como crítica social da política brasileira; analisar a presença do humor no gênero charge, como transmissão de valores ideológicos, na apresentação de novas crenças, acerca do cotidiano político do povo brasileiro. A metodologia utilizada foi a teórico-analítica delimitada pela utilização das categorias contexto, intertextualidade e inversão. Os resultados obtidos demonstram que a construção textual do humor risível no gênero discursivo charge jornalística se dá na interlocução das categorias delimitadas pelo contexto, pela intertextualidade e pela inversão, simultaneamente, organizando as opiniões que devem ser adotadas pelos seus interlocutores, acerca do que veiculam sobre a situação da política nacional, pois organizam um cenário atrativo, marcado pela mescla entre os elementos pictóricos e verbais, suavizados pelo risível.

## PALAVRAS-CHAVE

Gênero discursivo charge; Humor; Política.

## ABSTRACT

*This research is scoped to the study of humor in the textual construction of journalistic charge, in this sense, has been identified by questio-*

---

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professor de Leitura e Produção Textual da Universidade Nove de Julho de São Paulo.

*ning whether the textual organization of this humor in this genre helps to build the opinion of your readers? The objectives delimit in identifying the characteristics that contribute to textual organization of the genre charge, with regard to the presence of humor as social critique of Brazilian politics; analyze the presence of mood in charge genre, such as the transmission of ideological values, the presentation of new beliefs about the political daily of the Brazilian people. The methodology used was theoretical and analytical categories defined by the use of context, intertextuality and inversion. The results show that the textual construction of gender laughable mood in charge journalistic discourse, dialogue occurs in the categories defined by the context, the intertextuality and inversion simultaneously organizing the opinions that should be adopted by their interlocutors, about which convey on the state of national politics by organizing an attractive scenario, marked by the mixture between the pictorial and verbal elements, smoothed by laughable.*

#### **KEY WORDS**

*Gender discourse cartoon; Humor; Politics.*

---

#### **INTRODUÇÃO**

No contexto contemporâneo, entre os mais distintos meios de difusão de informações, é possível encontrar o protesto e a crítica construídos sobre o sistema social, delimitado à política e aos gestores deste sistema. Um dos meios utilizados para a crítica é o uso de argumentos persuasivos e lógicos que têm o intuito de convencer o leitor acerca do que se aborda. Isso pode ser realizado por intermédio da sátira e da ironia, formas de despertar a atenção do leitor, na exploração do riso e sarcasmo utilizados de modo a estabelecer ligação com o leitor e conquistar sua adesão às ideias proferidas pelo discurso. Assim, na sociedade contemporânea, é possível a constatação do aumento do número de jornais, tanto televisivos quanto impressos, que usam da sátira como elemento crítico, na sua constituição discursiva.

Diante desse aspecto, entende-se que práticas relacionadas ao humor crítico encontram sua gênese na Antiguidade Clássica, pois Aristóteles afirmava que a alegria inserida, por meio do escárnio, pode ser entendida como uma expressão de desprezo. Logo, é permitido afirmar que a charge se utiliza da ironia e da sátira para a produção do risível e por seu intermédio busca-se a construção da crítica acerca do desempenho dos sujeitos sociais, destacando-se o papel dos governantes de um povo.

A charge assume características permeadas pelo discurso jornalístico e pelo discurso humorístico, constituindo-se por meio de um tom jocoso, tornando-a diferente e sedutora. O jocoso se constrói na forma de transgressão, pois sua crítica rompe com as expectativas de leitura investidas por quem a lê.

Essas expectativas se organizam a partir de representações sociais, que têm a função de construir um conjunto de regras e valores que guiam e controlam o comportamento social humano, em suas diferentes interações. Diante desse aspecto, o gênero selecionado para a realização da presente pesquisa “é um instrumento de reflexão e fonte de pesquisa (...) um produto cultural produzido sobre condições históricas definidas, num tempo e espaço socialmente determinados” (TEIXEIRA, 2005, p.12).

Conforme Bonnaeous (2003) *apud* Benites (2010, p.154), “consiste na associação do humor e da agressão que a caracteriza e a distingue, em princípio da pura injúria”. Dessa maneira, a sátira crítica encontrada na charge jornalística apresenta denúncias que se referem ao processo de gestão pública, levando em seu bojo a produção do humor em seus leitores, eximindo o chargista de possíveis processos referentes aos crimes de calúnia e difamação.

Para Possenti (1998), não se pode generalizar que toda a manifestação do humor é crítica, logo nem sempre ele pode ser progressista, pois os chistes, por exemplo, em determinados enunciados, funcionam como instrumentos de ações reacionárias, que instigam preconceitos no âmbito social, ideias ligadas ao discurso

machista etc. Todavia, o humor político tende a ser crítico. Esta manifestação de humor é frequentemente explorada pela charge.

Ainda, de acordo com o autor, a presença do humor na imprensa pode ser classificada conforme critérios que estabeleçam sua maior ou menor proximidade com as notícias em circulação naquele veículo. Nesse sentido, tal classificação refere-se a:

*a) o humor dos chargistas de plantão, cujo papel é de alguma forma retornar a matéria de capa ou de primeira página, o que não significa que devem seguir a ideologia do veículo de imprensa; b) o que poderíamos chamar de humor de autor. O primeiro tipo tem compromisso com o conteúdo do periódico; os outros têm autonomia maior e publicam de certa forma o que querem* (POSSENTI, 1998:117).

Diante desse cenário, a charge, mesmo tendo uma abordagem diversificada, explora habitualmente situações de ordem política, pois para Teixeira (2005), após um extenso período de amadurecimento, pode funcionar como um instrumento de intervenção política.

### **A Concepção Sócio-Histórica e Dialógica dos Gêneros do Discurso**

As esferas das atividades humanas são muito diversificadas e estão sempre relacionadas à utilização da língua, sob a forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos que emergem dos componentes duma ou doutra esfera da atividade humana.

Cada esfera de atividades humanas preocupa-se com a elaboração de enunciados específicos, que apresentam condições específicas, utilizando a língua para a construção dos “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2003:280), determinados sócio-historicamente, sendo caracterizados gêneros do discurso. Tais enunciados estão organizados a partir de três elementos intrinsecamente relacionados, que são conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Assim, os gêneros do discurso contribuem para organizar as atividades cotidianas humanas dos seus sujeitos falantes, entre os quais há uma infinidade de repertórios de gêneros usados em todos os processos de interação sócio-comunicativa, moldando o discurso de acordo com determinado gênero em utilização.

Em função da dinamicidade que envolve as atividades desenvolvidas pelo ser humano, o gênero do discurso, enquanto seu selante e legitimador, variará para atender as necessidades de seus usuários, contribuindo para o aparecimento de novos gêneros, com finalidades discursivas específicas.

Diante desse aspecto, nota-se a gigantesca heterogeneidade na organização das esferas de atividades humanas e, por consequência, de gêneros do discurso que atendam esta multiplicidade, sendo assim, Bakhtin apresenta uma divisão dos gêneros em dois grandes grupos, definindo-se como gêneros primários e secundários.

Os gêneros primários organizam as situações de interação sócio-comunicativa que envolvem o cotidiano, assumindo um caráter de espontaneidade na sua execução, em função do seu imediatismo. A título de exemplificação, podemos apresentar a carta, o bilhete, o diálogo cotidiano etc.

Os gêneros secundários encontram-se na perspectiva de construir situações de interação sócio-comunicativa mais elaboradas, visto que são controladas, a fim de atender a formalização das atividades sociais humanas, apresentando alto nível de complexidade em sua constituição. Os exemplos dessa atividade são: romance, peça teatral, os textos que circulam no universo científico, no jornalístico etc. Contudo, os gêneros primários, normalmente, integram os gêneros secundários, adquirindo características peculiares.

Bakhtin (2003) afirma que o enunciado, seja ele falado ou escrito, pressupõe um ato de comunicação, sendo entendido

como unidade real do discurso, em que parte da premissa de que deve haver interação entre os sujeitos envolvidos no processo.

Assim:

*A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. Quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns, e, acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas. (BAKHTIN, 2003:293)*

Vale ressaltar que para o autor o enunciado é uma unidade real, sendo estritamente relacionado à organização dialógica entre os interlocutores no processo de interação sócio-comunicativa, em que há o entendimento de que o “receptor” não pode ser visto como um sujeito passivo, mas alguém que possui atitudes responsivas diante do que é proposto pelo enunciado, fazendo-o concordar ou não, discutir, opinar etc., pois o locutor age com o objetivo de levar o outro a apresentar uma resposta, no sentido de influenciá-lo, de acordo com seus interesses.

Nesse sentido, a noção de gênero está relacionada à concepção “dialógica” da linguagem, sendo que para o autor a autêntica essência da língua é formada pelo fenômeno social da interação verbal produzida por meio da enunciação ou enunciações. Assim sendo, entende-se que é a exterioridade quem determina a enunciação, ou seja, o que é adequado dizer conforme as condições de produção a que estão submetidos os falantes no processo comunicativo. Constata-se, então, que a natureza da enunciação é social, pois o meio e os interlocutores da ação verbal condicionam a enunciação, no que se refere aos objetivos do que se diz e às escolhas linguístico-discursivas para o que vai ser dito. Logo, a interação verbal é construída pela palavra, pois estabelece a mediação entre o individual e o social, em função de todo ato comunicativo

ser orientado pela presença de um locutor e, naturalmente, um interlocutor.

Assim,

*A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará em se tratando do mesmo grupo social ou não, se esta for superior ou inferior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) (BAKHTIN, 2003: 116).*

Verifica-se, nesse contexto, o estabelecimento de uma espécie de estatuto existente entre os interlocutores, na organização das suas interações sociocomunicativas, os quais se subordinam a uma competência discursiva, sendo definida pelo estatuto que o locutor deve se atribuir e o estatuto que ele atribui a seu interlocutor, a fim de legitimar seu dizer.

Assim, a noção de competência discursiva pressupõe:

*(i) a capacidade do enunciador em reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados das formações do espaço discursivo que constitui (em) seu Outro; (ii) e igualmente a capacidade de interpretar, de traduzir esses enunciados nas categorias do seu próprio sistema de coerções. (SOUZA-E-SILVA, 2012: 103)*

Diante desse contexto, pode-se afirmar que esta relação possui duas dimensões, uma institucional e outra intertextual, em que a primeira contribui para a organização das regularidades utilizadas na constituição de um gênero para possibilitar a comunicação humana. A segunda relaciona-se à recorrência de elementos se definindo pelas formas utilizadas na produção e recepção de um texto, pois dependem do conhecimento que se tenha de outros textos, com os quais ele se relaciona.

## O Gênero Discursivo Charge Jornalística

A charge, no Brasil, surge em meados de 1830, originada da caricatura, em que, inicialmente, as ilustrações caricaturais eram divulgadas em folhetos separados sem estabelecer relações com os textos verbais. Tem suas bases nos eventos noticiosos publicados nos jornais e assegura relativo destaque neste veículo de comunicação, pois pode se apresentar como uma espécie de síntese de uma notícia em apenas um quadro ilustrado.

Com frequência se confunde, ainda, a charge, a caricatura e o cartum em função das semelhanças que apresentam, entretanto cada um possui suas próprias especificidades que determinam seus traços distintivos, de acordo com sua finalidade comunicativa. Assim, a caricatura se define pela representação de aspectos fisionômicos humanos delineados por características humorísticas. Constata-se, nesse gênero, a indução ao cômico pela deformação daquilo que se apresenta como destaque acerca da figura retratada, a título de exemplificação, temos a exposição dos dentes, em tamanho exagerado, do jogador de futebol Ronaldinho Gaúcho (ROMUALDO, 2000).

O cartum delimita uma realidade genérica associada especificamente ao cotidiano, com vistas a retratar o comportamento humano, em suas fraquezas, hábitos, enfim, demonstra como as pessoas se relacionam com o cotidiano, analisando as comparações constituídas pelas orientações que guiam e controlam o comportamento social humano nas suas interações e as ações de ruptura ao que se convencionou classificar socialmente como adequado. Este traço difere a charge do cartum, pois o cartum trata de elementos relativos aos hábitos cotidianos do povo brasileiro, enquanto a charge representa uma realidade mais específica, centrada em fatos característicos, normalmente políticos e de conhecimento público, baseada em eventos noticiosos. Logo, verifica-se que o cartum é marcado pela atemporalidade e a charge apresenta limitações temporais por se constituir a partir de acontecimentos específicos.

Nesse sentido, ao expor a charge como gênero discursivo é necessário levar em consideração três elementos indispensáveis ao seu processo de constituição, em que conforme Bakhtin (2003), o gênero se embasa, que são: o conteúdo temático, ou seja, objeto e finalidade discursivos, que se diz por intermédio do gênero; a construção composicional, relativa a elementos estruturais compartilhados pelos textos que pertencem ao mesmo gênero; o estilo marcado pelos traços lexicais e gramaticais da língua.

Diante desse aspecto, a produção da charge está relacionada à necessidade humana de construir críticas, de modo humorístico, principalmente no que se refere à organização sociopolítica em que se encontra imersa, acerca daqueles que possuem poder político ou econômico.

*O termo é francês, vem de chargear, carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (uma carga de cavalaria). Este tipo de texto tem caráter temporal, pois trata o fato do dia. Dentro da terminologia do desenho do humor pode-se destacar além da charge, o cartum (satiriza um fato específico de conhecimento público de caráter atemporal), a tira, os quadrinhos e a caricatura pessoal. A charge será alvo do estudo por trazer, em sua análise superficial, implícita a história, a presença do interdiscurso. Ela é o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito para atuar. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais, revistas e na internet. Portanto, ampla poderá ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história, da ideologia. (SILVA, 2004:13)*

Assim sendo, nota-se que a charge constrói uma espécie de registro crítico e opinativo dos fatos históricos imediatos pertencentes a um grupo social, logo sua compreensão se dá quando o leitor conhece informações relativas ao fato criticado, presente na memória coletiva, pois esta é acionada, no momento da leitura, para que se possa construir os possíveis sentidos diante do discurso veiculado pela charge. Conforme Oliveira (2001: 265), “Os textos de charge ganham mais quando a sociedade enfrenta momen-

tos de crise, pois é a partir de fatos e acontecimentos reais que o artista tece sua crítica num texto aparentemente desprezencioso”.

Desse modo, por intermédio da imagem, que é de leitura rápida, a charge jornalística desperta a atenção do leitor, em função do seu caráter polifônico, pois este gênero tem condições de conduzir múltiplas informações em seu bojo, de modo sintético, provocando, por meio do humor crítico, a reflexão do leitor acerca da situação sócio-político-econômica do país.

*A Charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem é de rápida leitura, transmite múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chárstico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor. (ROMUALDO, 2000: 05)*

O gênero charge funde, normalmente, de modo harmonioso, duas linguagens – a verbal e a não verbal – na construção de textos sincréticos e efeitos de sentidos que se alternam entre o já-dito e o não-dito.

Assim sendo, no que se refere ao aspecto composicional, se estabelece uma conexão entre o verbal e o não-verbal, que são difundidos pela cor na composição do padrão gráfico para as ilustrações. Em se tratando do conteúdo temático, para o atendimento às expectativas leitoras há, frequentemente, a presença da crítica bem-humorada. No que tange ao estilo, em função do pequeno espaço disponibilizado, a produção escrita é marcada pela brevidade, com traços da linguagem coloquial.

Pode-se afirmar que este gênero, ao associar os elementos verbais e pictóricos, constrói imagetivamente seus personagens com exagero, pois sua intenção tem por objetivo o estabelecimento do ataque crítico aos temas sociopolíticos e econômicos, de modo que provoquem o risível, por intermédio do humor.

*Este tipo de gênero apresenta uma certa quantidade de recursos linguísticos; no entanto, é bastante comum em algumas charges o*

*desenho de um balão com apenas um sinal de pontuação (ou a pontuação apenas). Sendo assim, a pontuação deve ser entendida não só como elemento necessário à produção textual, mas também com elemento gráfico que compõe e estrutura a imagem. Enfim, deve-se considerar os elementos da sintaxe visual a partir dos elementos constituintes da imagem: cor, ritmo, volume, composição, direção e, a partir desses aspectos, adotar um método de leitura das imagens de sentido (SOUZA, MACHADO, 2005: 59).*

Portanto, todos os elementos constituintes da charge, ou seja, imagem e texto verbal são levados em consideração na produção dos efeitos de sentido, pois retratam assuntos que permeiam a contemporaneidade, focalizados no que está em acontecimento, por isso estão atrelados ao tempo, sendo um texto temporal, e para que seja interpretado de modo produtor é necessário o estabelecimento de relações intertextuais. Logo, espera-se que o leitor esteja a par dos acontecimentos presentes a sua volta para que realize as inferências necessárias diante do texto chárgico.

### **Concepções do Humor**

O humor é considerado um estado de ânimo, cuja intensidade representa o nível de disposição e de bem-estar psicológico do indivíduo. Diante desse aspecto, a presente pesquisa delimita o humor na produção do risível, presente no gênero discursivo charge jornalística.

Assim sendo, Bergson, em suas investigações na área fenomenológica da Filosofia, inicialmente, destaca três elementos relacionados ao riso, sendo identificados por: não há comicidade fora do que é propriamente humano; é necessária a existência de uma insensibilidade específica que acompanha o riso e, naturalmente, exige a existência de outra inteligência que se compartilhe dele, pois o risível constrói-se no coletivo, no convívio social.

Nesse sentido, o riso é produto das relações sociais, em função de estar atrelado a algumas exigências da vida comunitária, pois para a sua compreensão é indispensável reportar-se ao

seu meio natural, à vida em sociedade, determinando sua função social, com vistas a responder a algumas necessidades coletivas, logo tem significado social.

Diante do presente contexto, o autor constrói uma espécie de conjunto de “leis” para a regulamentação do cômico, identificando-as como:

- 1.<sup>a</sup> Lei: Destaca o cômico no aspecto fisionômico, sendo considerada como a feiura cômica das imitações, dos automatismos, do exagero das caricaturas, dos disfarces;
- 2.<sup>a</sup> Lei: Relaciona-se às formas, aos gestos e aos movimentos humanos, pois são considerados risíveis.

Portanto, o autor explicita o riso situado em ambientes sociais, com o objetivo de verificar sua função social, assim sendo, o humor está circunscrito no fato de a sociedade, por meio do riso, penalizar seus membros transgressores por intermédio da construção de situações humilhantes e de intimidação. O autor trabalha com muitas categorias para a focalização do humor, como: deformidades, imitação, desvio, rigidez mecânica, tensão e elasticidade, entretanto destaca três características indispensáveis para identificar a produção do risível, que são: a repetição, a inversão e a interferência em séries.

A repetição está centrada no reaparecimento de uma situação a partir de uma combinação de circunstâncias, com objetivo de apresentar contrastes com o que ocorre no decurso da vida em sociedade. A inversão consiste em expor a alteração de papéis e de uma situação que se coloca contra aquele que a produziu. A interferência em séries relaciona-se ao acontecimento de uma situação que pertence, simultaneamente, a duas séries de acontecimentos distintos e pode ser interpretada de modo alternado em dois sentidos complementemente diferentes.

*Obtém-se um efeito cômico quando se toma em sentido próprio uma expressão utilizada em sentido figurado. Ou ainda: A partir*

---

*do momento em que a nossa atenção se concentra na materialidade de uma metáfora, a ideia que ela exprime torna-se cômica.* (BERGSON, 1993: 76)

Nesse cenário, será possível considerar um enunciado cômico se estiver subordinado a uma das três características que fundamentam a “transposição cômica das proposições” (*ibidem*, p.80), sendo ordenadas assim:

1. Inversão: se a proposição obtiver sentido diante de uma inversão.
2. Interferência: se a proposição apresentar dois sistemas de ideias completamente distintos.
3. Transposição: se alcançar, com a transposição da ideia, uma tonalidade que não lhe pertence.

Possenti (1998), trata do humor para a produção do risível e suas bases concentram-se na enunciação linguística, por textos apresentados na forma de piadas. Nesse sentido, focaliza o humor risível como produto da seleção de palavras ambíguas que produzem oposições semânticas. Diante desse cenário, o humor risível é explicitado, linguisticamente.

Destaca, ainda, que os textos humorísticos podem ser explicitados por meio de mecanismos linguísticos que constituem um tipo específico de texto que objetiva a produção de efeitos de sentidos ligados ao humor risível. Assim, entende a piada, a título de exemplificação, envolta em mecanismos de distintos níveis linguísticos, como o fonológico, o morfológico, o lexical, o dêitico, somados aos elementos que constituem a coerência textual, situados na pressuposição, inferências, conhecimento prévio etc.

Baseado em Rakin (1985), expõe a necessidade da descrição dos “gatilhos” linguísticos e dos motivos que proporcionam a um texto ser compatível com um ou mais *scripts*.

Para Minois (2003), o riso e o escárnio, assim como o irônico, são considerados atos de individualidades extraordinários,

pois se baseiam no autoaniquilamento de tudo que é representado como nobre ou soberano. Afirma, ainda, que o riso omite seu mistério, eventualmente, apropriando-se de algumas manifestações de ironia, do humor, do burlesco e também do grotesco. O riso tem múltiplas formas e é considerado ambíguo, pois explicita ou a pura alegria ou o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia.

Nesse sentido, compreender textualmente como se constrói o humor risível nas charges jornalísticas tem sido o eixo central do presente trabalho, pois Maringoni (1996: 85) argumenta que “a sátira, o comentário e a banalização dos fatos cotidianos e da política nacional fazem parte da prática do chargista”.

Logo, este gênero discursivo não pode ser compreendido somente como arte que visa o risível, mas como prática discursiva que constrói opiniões públicas a serem adotadas pelos seus leitores, acerca dos acontecimentos sociais, formando crítica social, a partir do ponto de vista da empresa-jornal. Ainda que seja baseado na atualidade, ou seja, texto temporal centrado no tempo da notícia, é possível recuperá-lo como registro histórico e ideológico da sociedade em que circula.

### **Análises das Charges Publicadas no Jornal *Folha de São Paulo***

Para o desenvolvimento das análises das charges que seguem, levou-se em consideração: o contexto, as relações intertextuais e a inversão.

Em relação ao contexto, contata-se a necessidade de mobilização de um conjunto de saberes partilhados pelos interlocutores, para que seja possível a interpretação de um texto, assim no que tange à charge jornalística, é necessário mobilizar os acontecimentos que ocorrem no presente, veiculados normalmente pela notícia para a sua compreensão.

No que se refere à intertextualidade, delimita-se a compreensão das relações estabelecidas de um texto com outros textos, ou seja, constitui-se enquanto um elo, no estabelecimento do di-

álogo entre textos: o texto 2 é uma resposta ao texto 1. Essa resposta pode ser construída por oposição (X não é Y); por complementaridade (não só X, também Y); e por adesão, embora o fator de informatividade leve a uma modificação no texto 2, em relação ao texto 1.

No que diz respeito à inversão, característica proposta por Bergson para que seja possível a construção do humor risível, pois se delimita à exposição da alteração de papéis ou de uma situação que se organiza contra aquele que a construiu.

Assim, utilizaram-se, enquanto critério para a escolha do *corpus* em análise, charges jornalísticas que estão tematizadas, politicamente, em campanhas eleitorais para o pleito de 2014, na corrida pelo Palácio do Planalto, visto que neste período são proibidas atitudes dessa natureza.

### Texto 01:



Fonte: *Folha de São Paulo*, 21 de maio de 2013.

O contexto acionado para a interpretação desta charge refere-se à notícia publicada no jornal *Folha de São Paulo*, intitulada "Alckmin diz que Aécio deveria reeditar as caravanas de Lula", no

dia 21 de maio de 2013, pois nos informa que o senador Aécio Neves foi eleito à presidência do partido PSDB, principal opositor do governo atual. Informa, também, a possibilidade de ele ser o candidato à sucessão presidencial do país, tendo o apoio declarado de um dos principais representantes do partido, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. As marcas discursivas que comprovam o referido apoio são as declarações de Aécio Neves, em relação às privatizações realizadas pelo partido, anteriormente, mostrando-se favorável e representando-as como marca emblemática do partido, sendo legitimadas pelo ex-presidente (Fernando Henrique Cardoso) e consideradas um “tabu” pelos participantes do partido, pois isso foi utilizado como argumento de ataque do PT, nas eleições de 2002, 2006 e 2010, levando-o à vitória. Diante deste cenário, o ex-governador do estado de São Paulo, José Serra, representado no passado como um “nome forte” para concorrer, em oposição, ao governo federal, perde sua expressividade, visto que não é cogitado em momento algum pelos seus pares partidários.

Nesse sentido, as relações intertextuais são estabelecidas pelas sucessivas derrotas do personagem em destaque (ex-governador do estado de São Paulo, José Serra) nos pleitos eleitorais anteriores, sendo demarcados por sua disputa pela presidência da república, em 2010, perdendo para a oposição (PT, representado pela presidente Dilma Rouseff), e pela prefeitura da cidade de São Paulo, em 2012, sendo derrotado novamente pela mesma oposição (representada pelo prefeito Fernando Haddad). Assim, é possível compreender o enunciado linguístico dito pela charge: “E eu? Vou ficar de mãos abanando?”, pois questiona a real função de Serra no PSDB, diante dos últimos acontecimentos. Assim sendo, a intertextualidade se dá por complementaridade à notícia, pois não só vincula a imagem do ex-governador José Serra à do senador Aécio Neves, mas também afirma a inexpressividade do seu papel diante da legenda partidária.

Logo, é constatável a inversão da imagem do ex-governador do estado de São Paulo, pois este é retratado na charge como al-

guém que teve as mãos cortadas, ou seja, ausente de uma das condições de trabalho, para o exercício de uma possível liderança que atue na perspectiva de eleger a si mesmo ou um dos seus pares políticos, contribuindo assim para a produção do risível.

**Texto 02:**



Fonte: *Folha de São Paulo*, 22 de maio de 2013.

O contexto que situa a produção desta charge é organizado pela notícia intitulada “Aécio ataca Dilma e pede controle de gastos para combater a inflação”, publicada pelo jornal *Folha de São Paulo* no dia 22 de maio de 2013, pois nos informa que as críticas foram veiculadas em programa do PSDB pela televisão e num *site* lançado ontem. Seu conteúdo consiste na defesa do controle de gastos públicos, que se excedem na exibição de comerciais difundidos pelas rádios e emissoras de televisão, com vistas ao combate da inflação, pois em pesquisa realizada pela legenda constatou-se que tem sido uma preocupação de 77,5% dos brasileiros consultados. Expõe, ainda, as conquistas do senador Aécio Neves quando esteve à frente do governo do estado de Minas Gerais, como avanços nos setores de saúde e transportes. Deixa claro que reduziu

seu salário pela metade, se representado como exemplo de uso adequado de estratégias econômicas que visam à contenção de gastos do erário público. A presente notícia afirma, também, que as críticas proferidas pelo personagem em destaque são amenizadas por um fundo musical que denota tranquilidade e constata que ele é o único político a estrelar nos comerciais, pois a intenção da legenda partidária a que pertence é torná-lo mais conhecido diante do eleitorado nacional, na projeção de uma imagem que agrade aos seus interlocutores à exceção das cenas históricas que demarcam a política brasileira.

A intertextualidade se dá pelo título conferido à charge “Campanha” e no gesto realizado pelo protagonista, típico de que está em plena campanha eleitoral, pois se tem o conhecimento, de consenso, de que no período atual é proibida a exibição de campanhas com fins eleitorais. Entretanto, a notícia deixa, de modo sutil, a sugestão de que a atitude da legenda partidária, em que se afilia o personagem central, tem como foco as eleições de 2014, afirmando que o objetivo é projetar uma imagem, em nível nacional, de alguém preocupado com a inflação e que possui experiência na contenção de gastos públicos. Assim, a relação intertextual se dá por complementaridade à notícia, pois não só constrói uma imagem positiva do senador, mas também afirma que este encontra-se em plena campanha eleitoral.

A inversão encontrada está disposta na segunda parte da charge em que demonstra que o senador Aécio Neves desvia a atenção da imprensa, das suas intenções, afirmando a execução de outra ação, ou seja, fazendo um “chifrinho” num dos seus assessores e, não campanha eleitoral, provocando o risível.

### **Considerações Finais**

Constatou-se, no presente trabalho, que a construção textual do humor risível no gênero discursivo charge jornalística se dá na interlocução das categorias delimitadas pelo contexto, pela intertextualidade e pela inversão, simultaneamente, organizan-

do as opiniões que devem ser adotadas pelos seus interlocutores, acerca do que veiculam sobre a situação da política nacional, pois organizam um cenário atrativo, marcado pela mescla entre os elementos pictóricos e verbais, suavizados pelo risível. A conjugação desses elementos contribuirá para a elaboração de novas crenças e valores, a respeito do que foi relatado, ao encontro dos interesses ideológicos da empresa-jornal.

Assim, o contexto é construído pela notícia em circulação, pois é necessário acionar as informações nela disponíveis para que se estabeleçam as inferências necessárias diante do texto chágico, em função de situar seus interlocutores acerca do que ocorre no cotidiano político.

No que se refere à intertextualidade, ocorre por complementaridade, pois apresenta, explicitamente, a opinião acerca do fato noticioso em que se vincula, não retratando apenas o fato noticioso, mas complementando-o na exposição da opinião da empresa-jornal sobre o que foi informado pela notícia, de modo a guiar a construção opinativa do seu público leitor, na projeção de novas representações acerca do que ocorre no contexto político brasileiro.

Em se tratando da inversão, possibilita a alteração de papéis ou de situações que rompem com as representações construídas socialmente, contribuindo, em conjunto com as demais categorias utilizadas para a análise, para a legitimação da opinião que deve ser adotada pelo público leitor a partir dos acontecimentos vigentes na contemporaneidade. Logo, as opiniões presentes na charge formam a opinião pública de seus leitores.

Portanto, apresentou-se nesta pesquisa mais uma possibilidade de leitura de um gênero opinativo que pertence à esfera midiática, levando em consideração seu aspecto composicional, no que tange à conexão entre os elementos verbais e não-verbais; o conteúdo temático, pois apresenta, por meio do humor risível, críticas relativas ao cenário político brasileiro, orientando a cons-

trução opinativa dos seus interlocutores; o estilo em função da produção escrita ser constituída pela brevidade e pela presença da linguagem coloquial.

## **Bibliografia**

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZEMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Trad. Angela Paiva Doinisio & Judith Chambliss Hoffnagel. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BENITES, Sonia Aparecida Lopes. “Sentido, história e memória em charges eletrônicas: os domínios do interdiscurso”. POSSENTI, Sírio; PASSETI, Maria Célia (Orgs). *Estudos do texto e do discurso: política e mídia*. Maringá: Eduem, 2010.

BERGSON, H. *O Riso – ensaio sobre o significado do cômico*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: *Gêneros, teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2010.

MARINGONI, G. *Humor da charge política no jornal*. Comunicação & Educação. São Paulo: Moderna, 1996.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. Editora da UNESP, 2003.

OLIVEIRA, M. L. S. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J. C. *Letras e comunicação: uma parceria para o ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001.

POSSENTI, S. *Os humores da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

- ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.
- SILVA, Carla L. M. *O trabalho com charges em sala de aula*. Pelotas-RS: UFRS, 2004.
- SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira; MACHADO, Rosemeri Passos Baltazar. O verbal e não-verbal na produção dos efeitos de sentido no gênero charge. In: CRISTÓVÃO *et. al.*(Orgs). *Gêneros textuais: teoria e prática II*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.
- SOUZA-E-SILVA, M. C. Discursividade e espaço discursivo. In.: FIGARO, R. (org.) *Comunicação e análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.
- TEIXEIRA, L. G. S. *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005.

